

O IMAGINÁRIO E O POÉTICO NA CENA CONTEMPORÂNEA: MANUEL BANDEIRA E O COTIDIANO

Betina Ribeiro Rodrigues da Cunha (ILEEL/UFU)
betinarrcunha@gmail.com

Resumo: Manuel Bandeira – figura central do movimento modernista e um dos mais importantes poetas brasileiros – atravessou o Séc. XX com uma obra poética de inquestionável valor, instigando e desafiando os leitores e curiosos da Literatura a se emocionarem com a carga de lirismo e sensibilidade que permeia essa produção ímpar. Dono de uma simplicidade prosaica e atento aos olhares do mundo, o poeta tece fios de um cotidiano real, apontando para uma trama de diversidades que, ao mesmo tempo, torna-se substância e conteúdo poéticos na medida em que, ao realizar um poema, ele registra um universo de percepções e sensações concretizadas a partir de relações inesperadas, que transformam a palavra "simples" em conteúdo impressionante e sensorial. Assim, e pensando em uma metodologia analítico-bibliográfica, espera-se confirmar, através da leitura de Bandeira, que a realidade que justifica o enfrentamento de uma análise literária não é só aquela dos objetos exteriores da percepção humana, mas sim aquela das ideias, dos sentimentos, da imaginação e do prosaico. É, enfim, a realidade, que ilumina, transforma as experiências do cotidiano, transformando-as em material de profundo sentimento poético, instrumento lírico de manutenção do ser no mundo. Em última análise, acredita-se que a proposta desse artigo se justifica porque a poesia justifica – ou, quem sabe, alimenta! - o olhar generoso e sensível do homem para mundo moderno; ainda que, na contemporaneidade esse exercício esteja escondido pelas malhas da ambiguidade e das diferenças.

Palavras-chave: poesia, modernidade, cotidiano, pluralidade

O caleidoscópio poético na obra de Manuel Bandeira reflete, inicialmente, um emaranhado de contradições que permeiam as experiências sensíveis. Tanto do ponto de vista sócio-cultural, como do pessoal, o poeta vivencia fortes e dolorosas dualidades, complexas tensões, angustiantes inseguranças, que, sob o nome de modernidade, determinam formas de pensamento, sugerem visões, recriam dogmas, enfim, representam aspectos ilusórios da realidade, com os quais o poeta se identifica e através dos quais, em sua produção artística, acaba por exprimir sua atitude perante a vida, embora, em alguns casos, tal atitude venha a ser expressa já a partir de uma apreensão do real, em si deformante.

É compreensível o pensamento de uma dupla deformação no real, uma vez que, ao transportar a realidade do espírito e da imaginação para aquela da experiência artística – poema, tela, escultura – estabelece-se uma grande distância entre o projeto e a obra, entre o ideal e o real, como a insistir sobre a fragilidade das linguagens artísticas, incapazes de traduzirem, em sua plenitude, a própria realidade idealizada.

Neste momento, outra questão se impõe: como exteriorizar uma realidade e fazer-se entender? Somente a partir da linguagem que se conhece e se partilha, mas que pode ser renegada, por ser insuficiente e estéril.

Esse drama é apenas um daqueles que a modernidade ocasiona; pensando mais objetivamente na poesia de Bandeira, observa-se que experimentar dualidades e tensões – emocionais, existenciais – corresponde, poeticamente, a uma oscilação entre o real e o ideal. A consequência dessa oscilação mostra uma experiência de dualismo existencial, vivenciado em duas esferas diferentes. O poeta é levado a reconhecer, na intrincada rede do imaginário, um ideal de consciência e de representação.

O ideal “banderiano” de representação, se considerarmos sua experiência poética com as imagens da natureza, oferece uma visão particularizada, profundamente envolvida com as necessidades e urgências íntimas, existenciais do poeta.

*E tudo isso me vem de vós, Mãe Natureza!
Vós que cicatrizais minha velha ferida...
Vós que me dais o grande exemplo de beleza
E me dais o divino apetite da vida!¹*

Esses versos, um misto de desabafo e confissão, traduzem o ideal “banderiano”: uma consciência interior que identifica, nas imagens uma relação de dependência matricial, emocional. A natureza, espetáculo vivo a testemunhar a harmonia das vinculações primitivas e originais, vem a ser a analogia sensível, criada ao nível da experiência emocional e poética de Bandeira, para responder a uma necessidade imperiosa de resolução ou, pelo menos, apaziguamento, das dores trazidas pela ingrata doença.

A natureza é o receptáculo e a matriz da vida; é segurança, abrigo, calor e alimentação e, nesse sentido, concentra em si uma profunda disponibilidade, atitude que predispõe o poeta para uma grande relação até então não experimentada. De um lado, tem-se a grandeza de um universo acolhedor, a se oferecer, integral e prontamente, para um desvelamento, uma revelação das mais íntimas mensagens sensíveis e, de outro lado, o homem Bandeira, disponível para um aprendizado mais profundo e essencial, entrega-se, a partir das sensações fruídas poeticamente, ao universo que o recebe.

A observação desse duplo aspecto carrega consigo uma prática poética resultante de uma atitude perceptiva que produz, em poesia, imagens da natureza não distanciadas do real. Essas, sim, são imagens virtuais do cotidiano, acrescidas das qualidades particulares do “vivido” e “percebido” do poeta. Ao desenhar contornos e poderes inusitados, essa manifestação traduz a comunicabilidade sensorial da natureza, valorizada pelo desejo de revelação que o ato poético exige.

Nesse sentido, observa-se que o poeta, ao qualificar de “mãe” natureza, define-lhe uma dupla maternidade: ela é a mãe do homem que se depara com a verdade sublime da harmonia universal, e é a mãe da poesia resultante da identificação mágica e essencial, com essa realidade supra-sensível.

À natureza, segunda a percepção de Bandeira, corresponde uma filosofia e um objeto estético. A força universal, vital, que nela se manifesta, expõe, paralelamente, um princípio espiritual, organizador de novas significações transcendentais, capazes de levar o poeta à plenitude de uma consciência diferenciada do mundo real, e, portanto, condutora de sentidos iluminadores da essência interior. Por outro lado, como objeto estético, a natureza, fornecendo um espetáculo do mundo, proporciona ainda ao poeta a possibilidade de revelação da consciência imaginante, que se aguça e se realiza a partir da atitude contemplativa dessa natureza, potencialmente prenhe de sentido. A natureza é, naturalmente, bela, e ao poeta cabe a tarefa de perceber suas manifestações intensas e expressá-las, em um ato comunicativo consigo próprio e com o mundo, na linguagem presentificadora dessa tradução e dessa fruição sensorial.

Em consequência, a visão de mundo da natureza define-se em Bandeira por uma visão “alumbrada”², na qual o sublime oculto representa uma possibilidade de milagre e de recuperação de um Eu, estilhaçado pelas contingências reais, sempre ameaçadoras, na doença fatídica.

¹ “Plenitude” in **A cinza das horas**, PCP, p. 137.

² O termo é emprestado de Davi Arrigucci Jr., que o emprega, em diferentes momentos, com um sentido de “iluminação”. Cf, por exemplo: **Humildade, paixão e morte: a poesia de Manuel Bandeira**, p. 129.

Na realidade, o “milagre” se dá na medida em que a experiência poética de Bandeira, aguçada pela fruição das imagens da natureza, troca um implacável algoz – o imaginário da doença – por um radiante lentivo – a percepção liberada, estimulante poderoso da imaginação – a propiciar vivências profundamente emocionais, que devolvem a esse sofrido poeta uma sensação de universo, uma totalidade significativa, purificada das insistentes, e sempre próximas, ameaças do mundo real.

Conseqüentemente, o “milagre” é da vida e da poesia; a natureza recupera, no homem comprometido, a possibilidade de salvação e devolve à poesia sua condição significativa, portadora de energias e percepções reveladoras, transformando-se assim em uma ontológica resposta mítica às questões essenciais.

Compreende-se, nesse momento, o tom oratório encontrado naqueles versos. Ao empregar a segunda pessoa no plural, Bandeira, numa atitude quase de reverência, sacraliza a natureza, colocando-se em uma condição de profundo respeito e humilde agradecimento. A natureza passa, de uma condição real, para uma outra, de entidade sacralizada, cujo poder organizador mobiliza a reflexão do poeta, impulsionando-se sempre mais no aprofundamento, compreensão e interpretação das lições sensíveis guardadas pela natureza.

Esse processo de sacralização induz à construção de um conceito de natureza. Em Bandeira, a natureza não é ponto de partida para novas experiências, imaginativas e sensíveis que se constroem a partir da contemplação de um determinado espetáculo ou fenômeno. Ao contrário, é o alvo de uma experiência que, no real circundante, apreende a tradução sensível para as interrogações afetivas e existenciais do Eu. O homem passa então a viver, a partilhar e a interpretar uma relação na qual a consciência imaginante identifica sentidos novos, que acrescentam descobertas e verdades às existentes do poeta.

Aliás, é curioso lembrar que esse poder regenerador e curativo delegado à natureza, em pleno século XX, atualiza uma atitude essencialmente romântica. Lamartine, por exemplo, aconselha:

*Mais la nature est là qui t'invite et qui t'aime ;
Plonge-toi dans son sein qu'elle t'ouvre toujours
Quand tout change pour toi la nature est la même,
Et le même soleil se lève sur tes jours*³

O poeta romântico procura o seu Deus na natureza doce e acolhedora; seu silêncio e sua harmonia asseguram ao homem o lentivo saudável para continuar a perseguir uma relação fundamental com o mundo. Nesse aspecto, Lamartine encontra, em Bandeira, um eco que se repete e propaga as mesmas revelações, a emoção revisitada.

A recuperação dessa atitude romântica justifica a afirmação de que Bandeira faz ressurgir a tradição romântica em plena modernidade.⁴

A alusão à modernidade providencialmente lembra o fato de Bandeira ser um dos poetas brasileiros que mais profundamente ressentiu os efeitos do espírito modernista, transformando-os em material fundamental, cuja sensibilidade concorre para a construção e amadurecimento do arcabouço poético.

A vida do poeta é regida por dualidades que se espalham em diversos níveis: infância livre e despreocupada em Recife x clausura de um quarto no Rio de Janeiro (circunstâncias que indicam, como consequência, o lado decadente da tradicional família recifense, a que Bandeira pertence); saúde x doença (talvez a mais flagrante e incômoda das dualidades); arquiteto frustrado x poeta por fatalidade (sem dúvida, a escolha mais ocasional e a mais

³ LAMARTINE, A. *Méditations poétiques, premières, nouvelles méditations*, p. 47.

⁴ Cf. ARRIGUCCI JR., Davi, opus cit, p. 134.

duradura); a idealidade e a realidade (que insistem em se mostrar em diferentes e dolorosos momentos) enfim, toda uma gama de circunstâncias complexas, às vezes, inspiradas, intromete-se no caminho banderiano, desenhando um percurso existencial no qual a experiência é resultado da assimilação, da purificação dessas oposições heterogêneas.

Considerando ainda a conjuntura sócio-política do século XX, bem como as inúmeras contradições, percebe-se que Bandeira traduz, em poesia, a própria modernidade, e a sua vivência, sob uma ótica particular individualizada, define os mecanismos pessoais, usados para suportar a convivência com o peso das dialéticas existenciais.

A percepção e a visão do mundo da natureza é um dos mais esclarecedores exemplos daquele processo de transformação positiva dos efeitos da modernidade. O poeta promove a absorção da realidade pela poesia, na medida em que as imagens da natureza oferecem o êxtase provocado por uma visão metafísica e permitem, em consequência, a identificação com uma forma de existência que ultrapassa as contradições reais. As lições de vida aprendidas por Bandeira, no contexto com a natureza, são o resultado de um combate exaustivo, a fim de se encontrar e criar a si mesmo, envolvido que está pela angústia e pelas tensões dialéticas. Esse combate interior, visando a libertar o homem das impurezas e vicissitudes da vida moderna é que lhe devolve autonomia e dignidade.

Em função, provavelmente, dessa experiência de modernidade, chega-se a compreender, na poesia de Manuel Bandeira, e na poética da natureza, a presença marcante de um humanismo puramente solidário, sem preocupações políticas ou ideológicas, e ainda a forte alusão a um cotidiano rotineiro, cuja significação especial consiste na exteriorização poética da apreensão do presente. Viver um momento, e transformá-lo em conteúdo sensível, é uma forma de imprimir novo sentido às relações que se desenham no fluxo da consciência; é também uma forma de traduzir um novo conceito de tempo, na medida em que a exteriorização desse momento, a partir do lirismo e da linguagem poética, corresponde a uma atualização e presentificação constantes das descobertas sensíveis. É, portanto, uma cristalização espaço-temporal a eternizar a experiência moderna, ao mesmo tempo que possibilita o compartilhamento com o mundo circundante.

O tempo em Bandeira é, portanto, uma mistura de passado e presente, sonho e realidade, memória e idealização que se fundem em deliciosas e inusitadas artimanhas poéticas, mas não deformam a imagem do real. Ao contrário, acrescentam-lhe um conteúdo diferenciado, literalmente, fruto da percepção espontânea e particular dessa realidade. Essa correspondência cria, via linguagem, um paradigma da representação total do mundo voltado para a realização das suas esferas sensíveis e opostas, nas quais se instalam as dualidades existenciais.

Em consequência, compreende-se também a presença – já poética – de um nacionalismo e de um historicismo marcantes que, longe de definirem uma atitude de poeta engajado, apresentam um outro ângulo de veiculação das experiências modernas; são, portanto, instrumentos com os quais a moderna poesia banderiana descreve a vida, promovendo com a conscientização de identidades e sincronias poéticas, um salto da tradição para a novidade, da forma para a significação.

Esse salto, que representa as diversas etapas de um desenvolvimento literário e o percurso cada vez mais moderno, de depuração das estruturas poéticas e estéticas, corresponde, em linguagem crítico literária, a uma crescente intimidade com as vanguardas modernistas.

Exemplo disso é o poema “Poética”⁵ que resume, magistralmente, as profundas mutações líricas e poéticas que Bandeira imprime à sua produção artística.

⁵ “Poética” in **Libertinagem**, PCP, p.207.

Estou farto do lirismo comedido
Do lirismo bem comportado
Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente
protocolo e manifestações de apreço ao Sr. Diretor.
Estou farto do lirismo que pára e vai averiguar no dicionário o
cunho vernáculo de um vocábulo.
Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais
Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção
Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador
Político
Raquítico
Sifilítico
De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora
de si mesmo
De resto não é lirismo
Será contabilidade tabela de co-senos secretário
do amante exemplar com cem modelos de cartas
e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos
O lirismo dos bêbados
O lirismo difícil e pungente dos bêbedos/
O lirismo dos clowns de Shakespeare

– Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

A proposta modernista de Bandeira desenvolve, nesse momento, inúmeras características que esboçam diferentes tendências formais e poéticas resumidas pelo poema. Esse é, na verdade, um modelo dos objetivos estéticos e poéticos desenhado pelo grupo de artistas que participaram da Semana de Arte Moderna – um movimento bastante conhecido na história e na crítica literária brasileira – propondo o direito à pesquisa estética, à ausência de tradicionalismo de preconceitos e tabus, enfim, a ruptura com modelos artísticos pré-estabelecidos e emprestados da elite cultural estrangeira.

Independente da seriedade e profundidade dessas aspirações estéticas, o que importa observar, mesmo que resumidamente, é o fato de que Bandeira, em seu percurso poético individual, chega a se libertar de todo e qualquer entrave formal ou linguístico que lhe cerceia à inspiração moderna. O poeta, ao se afastar dos parâmetros tradicionais, pratica uma poesia voltada para a exteriorização das dualidades e contradições vividas em sua existência. Nesse sentido, a poesia das imagens da natureza encerra um exemplo contundente de ruptura e libertação, que ultrapassa o momento e o compromisso vanguardista para se tornar a marca registrada das pesquisas existenciais e estéticas.

Assim se explica o bem escolhido epíteto “modernista por vocação”⁶ dado a Bandeira por Waldir Ayala. Não importa definir, ou atribuir ao poeta alguma filiação vanguardista que modele ou dirija pragmaticamente, a sua produção literária. Nesse momento, importa

OBS. O próprio título da obra que encerra esse poema apresenta-se como uma proposta de ruptura, de libertação pessoal, concretizada pela poesia.

⁶ AYALA, Waldir – “Estrela da tarde” in **Manuel Bandeira**, seleção de textos por Sônia Brayner, p. 263.

sobretudo, que a poética banderiana reflete um contínuo heterogêneo, uma figuração simultaneamente harmoniosa e desintegrada, essencialmente frutos de um determinado tempo e de um determinado espaço, circunscrevendo a experiência progressiva do poeta, em busca do despojamento de adereços – estéticos, filosóficos e existenciais – inúteis à reflexão e identificação com o Eu profundo.

Em verdade, pode-se inferir que Bandeira já nasceu “modernista” porque nasceu moderno. O espírito e a experiência da modernidade definiram-lhe, de uma forma subjetiva e não consciente, um padrão de pesquisa e de direcionamento do seu estado lírico, poético, capaz de fazer coincidir as necessidades de libertação pessoal com aquelas de libertação de uma prática estética tradicional e enrijecida pelo tempo. Assim, compreende-se, por extensão, que modernidade e modernismo, em algum momento da experiência poética, se superpõem, identificando uma mesma busca, um mesmo percurso, a privilegiar os instrumentos e as conquistas realçadas pelo alcance dos objetivos aspirados.

Nesse sentido, reforça-se o caráter audacioso que permeia o modernismo e outras vanguardas do século XX. A necessidade de uma constante vinculação com a vida, leva Bandeira à criação de um mundo de fabulação que, propiciando uma visão filosófica do equilíbrio dos contrastes e oposições, abarca um material até então não poético; revela uma nova compreensão do belo, calcada na vivência desse prosaísmo, e, finalmente, liberta esse sofrido poeta das fronteiras do universo contingente.

É curioso observar ainda que essa experiência da modernidade, vivida em profundidade por Bandeira é, na realidade, uma experiência muito ampla, simultânea por um lado, o mesmo indivíduo tem a experiência de tantas coisas tão diferentes, distintas e irreconciliáveis, num e mesmo momento, e que, por outro lado, diferentes indivíduos em diferentes lugares têm, muitas vezes, a experiência das mesmas coisas, de que as mesmas coisas sucedem ao mesmo tempo em lugares completamente isolados uns dos outros, este universalismo de que as técnicas modernas tornavam possível que o homem contemporâneo tivesse consciência são, talvez, a real fonte de um novo conceito de tempo e de todo o modo abrupto como a moderna arte descreve a vida⁷ vem realçar, até mesmo justificar, as vias de pesquisa e direcionamento poético das produções artísticas de Bandeira.

Este se encontra na busca de uma supra-realidade que escape ao desencanto, anule o doloroso cotidiano e, ao mesmo tempo, revele um sentimento de larga compreensão humana, a promover a integração dos dois universos – o real e o ideal, o lógico e o poético – que vivencia na simultaneidade.

Assim, na modernidade e, sobretudo, nas imagens da natureza, o tempo do poeta é “atemporal” porque está diretamente ligado à presentificação e instalação dessa supra-realidade, experimentada pelo Eu de forma independente, autônoma e sensível, uma forma destituída de compromissos ou limites rígidos, estabelecidos por uma consciência racional. O tempo é, portanto, um tempo ontológico, metafísico, definível pelo momento e pela profundidade dos questionamentos, e atualizado indefinidamente pelo conhecimento e acréscimo de sentido essenciais decorrentes do próprio questionamento.

Prova desse tempo “atemporal” e dessa simultaneidade de experiências existenciais, vividas pelo homem contemporâneo, no isolamento de sua condição moderna, é Alberto Caeiro – heterônimo emocionalmente intelectual de Fernando Pessoa, que, assim resolve sua relação com a natureza.

“... Procuo despir-me do que aprendi,
Procuo esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,

E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,

⁷ HAUSER, Arnold – **História social da literatura e da arte**, p. 1132.

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como um homem,
Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.
Sou o argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele-próprio.”⁸

O poeta, ao se despojar do patrimônio herdado do mundo, livra-se também das máscaras exteriores que lhe cerceiam o eu, revelando um novo homem potencialmente puro de emoções e sentimentos e pronto para usufruir, em plenitude, as lições sensíveis que lhe oferece a relação profunda com a natureza.

Esse “animal humano que a Natureza produziu” anula a dialética real/ideal e passa a experimentar a idealidade, na medida em que obedece somente o caminho “das sensações verdadeiras”, transformando-se em paradigma de leitura e compreensão do Universo porque sua sensibilidade e emoção, singulares e diferenciadas, permitem-lhe a intromissão no mundo da essencialidade.

Sem dúvida, essa vivência globalizante dos sentidos é fruto de uma opção, calcada na experiência das dualidades do mundo e, conseqüentemente, resultado poético de uma modernidade angustiada e não resolvida no plano do real o que, em última análise, aproxima o sábio heterônimo de Bandeira e, ainda, reforça a noção de “simultaneidade” explicitada por Hauser.

Bandeira, assim como Caeiro, experimenta a modernidade e resolve suas dualidades, os sofrimentos dela decorrentes, a partir do despojamento do real e da supremacia da sensibilidade que lhes devolve a liberdade de escolha, restituindo também a integração e a harmonia do eu fragmentado.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 1977
BRAYNER, Sofia (org). *Manuel Bandeira*, Fortuna Crítica. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1986
HAUSER, Arnold – *História social da literatura e da arte*. São Paulo: Editora Mestre Jou. 1972
LAMARTINE, *Méditations poétiques, premières, nouvelles méditations*. Paris : Gallimard, 1988
PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar. 1989

⁸ “XVLI” in *Ficções do Interlúdio*: in PESSOA, Fernando – Obra poética, p. 226.